

MOTIVAÇÕES E DESMOTIVAÇÕES: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE O AMBIENTE ESCOLAR DOS SUJEITOS EM SITUAÇÃO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

Arthur Manoel Andrade Barbosa
Universidade Estadual da Paraíba
arthur_andrade 2011@hotmail.com

Itamara Weskla Barbosa Alves de Brito
Universidade Estadual da Paraíba
marawbab@hotmail.com

Paula Almeida de Castro
Universidade Estadual da Paraíba
paulacastro@uepb.edu.br
Orientadora

Neste trabalho, a partir de uma pesquisa etnográfica voltada para a abordagem da educação entre os sujeitos em situação de privação de liberdade, são analisados os casos de duas reeducandas que indicaram o estímulo e a falta deste para assistir as aulas do curso Pro-Enem oferecido pela UEPB – Campus Avançado. Numa forma de avaliar a educação, como direito garantido a todos os cidadãos, sua função libertadora e a busca de mudanças pessoais das reeducandas, esse artigo permeia por experiências obtidas no Presídio do Serrotão, em Campina Grande, no espaço de detenção feminina. A perspectiva etnográfica constitui observações e entrevistas que confirmaram as motivações em participar dos programas educacionais oferecidos ao Campus Avançado (UEPB) e também a falta de estímulo em participar de tais programas, indicadas pelas reeducandas. Dialogando com autores que discutem essa problemática, como Foucault (1987) com relação à vigilância e à disciplina das reeducandas e Graciano (2008) numa abordagem direcionada ao direito à educação e às particularidades vivenciadas numa escola dentro do aparelho penitenciário. Os resultados obtidos evidenciam a tentativa pessoal das entrevistadas de mostrar a elas próprias e à sociedade seus potenciais intelectuais e morais, tentativa esta que encontra na burocracia judicial uma forma de enfraquecer os ideais de superação. A pesquisa propõe a reflexão das desigualdades sociais que resultam em problemas de ordem educacional, a situação do processo de escolarização dentro de uma penitenciária, as perspectivas de futuro das apenadas, seja com relação ao mercado de trabalho ou à inserção num curso técnico ou superior, tudo isso embasado numa proposta teórico-metodológica do campo da etnografia.

Palavras- chave: Educação; Etnografia; Privação de liberdade.

Introdução

“Mostrar que nós, apenadas, podemos ser transformadas, tirar esse título de que ‘não temos mais jeito’ perante à sociedade”.

Esse trecho da entrevista feita com uma apenada do Presídio Feminino do Serrotão mostra a busca pessoal e também coletiva das mesmas em querer mostrar resultados com relação as suas respectivas passagens pelo regime de privação de liberdade.

A oportunidade através da educação de poderem ser inseridas novamente no cenário social de trabalho, de educação, faz com que elas possam expressar o desejo de mudança percebido no esforço cotidiano de participação em praticamente todos os programas oferecidos ao sistema de Ressocialização da penitenciária, característica que marca os novos tempos do pensamento com relação à punição dos que fugiram da ordem social e cometeram crimes previstos nas leis brasileiras.

A educação tem a possibilidade de libertar aqueles que as amarras da vida por qualquer motivo impossibilitou de galgar caminhos de crescimento pessoal e enriquecimento com relação a uma formação crítica. Impossibilidades estas que podem ser observadas através dos mecanismos educacionais mais tradicionais como a educação formal ou por outras modalidades da formação básica, como a Educação de Jovens e Adultos, ou pelos seguimentos de educação prisional, garantida através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Segmento este que em 2009 com a aprovação das Diretrizes Nacionais para a Oferta da Educação em Estabelecimentos Penais, abriu o caminho para discussões em torno da pertinência de um projeto político-pedagógico para o sistema penitenciário brasileiro, numa tentativa ainda mais forte de poder trabalhar com essa parcela da população, ratificando a problemática da ressocialização dos indivíduos.

A experiência etnográfica realizada na Penitenciária Feminina de Campina Grande, enquadrada dentro do complexo da Penitenciária Regional de Campina Grande Raimundo Asfora – denominado “Presídio do Serrotão”, fez perceber-se que a “privação de liberdade”, para Foucault (1987), é o método usado para punir os que fulgiram à regra da sociedade, portanto, faz-se necessário que esse ‘tempo’ seja aproveitado com fins de ressocializar os privados de liberdade. Com relação a utilização desse tempo o autor afirma: “A educação do detento é, por parte do poder público, ao mesmo tempo uma precaução indispensável no interesse da sociedade e uma obrigação para com o detento”. (Foucault 1987, p. 224).

A participação das 'reeducandas' nessa pesquisa foi a de reconhecer os motivos que as levavam a participar dos programas educacionais disponibilizados ou o que levava a não participação de tais programas, dessa forma entenderíamos de forma mais aproximada o processo de escolarização individual dessas alunas e suas problemáticas.

Metodologia: O processo etnográfico

A pesquisa de cunho etnográfico foi elaborada entre os meses de maio e setembro de 2014, envolvendo o processo de observação das alunas do curso Pró-Enem, promovido pela UEPB, e através de entrevista escrita com duas alunas, numa sala que em sua totalidade dispõe de dez 'reeducandas'.

A abordagem etnográfica de pesquisa tem como maior finalidade obter uma descrição sobre grupos que possam atribuir significados e perspectivas a abordagens pertinentes, como no nosso caso a particularidade da educação prisional e a efetiva participação das alunas nesse processo, e compreender de forma pormenorizada os pressupostos que as motivam ou as desmotivam.

Resultados e discussões: Uma abordagem sobre a educação prisional

A educação prisional como método sócio-político ainda é pouco difundida, o que denota certa invisibilidade desse mecanismo como analisa Graciano e Schilling (2008). Mudar esse quadro, tornando essa prática uma questão prioritária na constituição de ressocialização seria uma possibilidade de abarcar um percentual bem maior do total de encarceradas.

Na entrevista feita a uma das 'reeducandas' ela elenca seus motivos de permanecer assistindo as aulas e também as causas da desmotivação:

Entrevistador: Quais os teus estímulos e os desestímulos em participar das aulas?

'Reeducanda': O que me faz participar é que eu quero ficar mais atualizada, ter uma boa educação, já que não estudei como deveria na minha juventude e assim ter um futuro melhor quando sair desse lugar. Já o que me deixa meio triste em vir são os problemas de saúde que eu tenho, também tem a questão do meu pensamento estar sempre na minha família e o outro é a falta de

resultado vindo da justiça, que deveria diminuir nossa pena (remissão) e a gente não ver isso acontecer.

A educação através do processo de interação, de formação e de inclusão possibilita a essas alunas a chance de quando saírem do período de cumprimento da pena possam ser inseridas na sociedade de forma mais capaz de se enquadrarem nos meandros que o termo cidadania exige.

A concepção da outra entrevistada, que um trecho já foi descrito na introdução desse trabalho foi bastante parecida com a primeira:

Entrevistador: Quais os teus estímulos e os desestímulos em participar das aulas?

‘Reeducanda’: É querer mostrar que somos capazes de estudar, de trabalhar e mudar de vida, que estamos presas fisicamente, mas não espiritualmente. Uma coisa que me desmotiva é saber que o juiz disse que não vou poder fazer o Enem, caso seja libertada antes do dia da prova.

A tentativa de inclusão por parte do Estado através da educação possibilita que estas alunas possam dar outro rumo na vida social, haja vista que através dos meios “normais” elas não conseguiram, por qualquer motivo, ir mais além com relação à vida educacional. No contexto da educação inclusiva, Castro (2011) descreve a importância da inserção de qualquer que seja a pessoa no processo educativo:

A inclusão implicaria em incluir todos àqueles que vislumbram na educação a possibilidade de estarem contidos e/ou compreendidos em uma instituição com pressupostos que atendam a toda e qualquer necessidade apresentada por sua clientela. Caberia, então, ao Estado a obrigação em assegurar, através das políticas públicas, o direito de acesso a matrícula para todos sem distinção de idade, raça, gênero, condições física e de saúde, ou, ainda, qualquer outra condição (CASTRO, 2011, p.35).

Conclusão: Os problemas identificados e o potencial da educação

Através da abordagem etnográfica foi observada a busca pela mudança, pela vontade de inserção nos mecanismos sócio-educativos, a tentativa de

mostrar a sociedade e a elas próprias que a educação teve papel fundamental na mudança pessoal e na contribuição para o restante da vida.

Ética, moral, cidadania. São temas corriqueiros nas discussões sócio-educativas do sistema prisional, que associadas a temática da importância da educação e da valorização do indivíduo podem contribuir imensamente nesse universo. A decepção mostrada pelas alunas com relação aos problemas burocráticos que dificultam a remissão de suas penas e os constantes problemas de ordem pessoal, como a saúde e a família são amenizados pelas intervenções que a educação pode possibilitar. Segundo Gadotti (in: Educação, 2000, p. 62) diz que “Educar é libertar [...] dentro da prisão, a palavra e o diálogo continuam sendo a principal chave. A única força que move um preso é a liberdade; ela é a grande força de pensar”.

Referências

BRASIL. **Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária** (Cnppc). Resolução nº 3, de 11 de março de 2009. Dispõe sobre as Diretrizes Nacionais para a Oferta de Educação nos Estabelecimentos penais. Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1, p. 22, 25 mar. 2009. Disponível em <http://www.redlece.org/IMG/pdf/https___www.in.gov_1.pdf>.

CASTRO, Paula Almeida de. **Tornar-se aluno: identidade e pertencimento – um estudo etnográfico**. 2011. 157f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo, Peirópolis, 2001. -----.
Perspectivas atuais da educação. Porto Alegre, Armed, 2000.

GRACIANO, M.; SCHILLING, F. **A educação na prisão: hesitações, limites e possibilidades**. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 13, n. 25, p. 111-132. 2008.